

Favelada chora ao deixar invasão

A paraibana Elisa Gomes de Oliveira chorou ao passar seus dados pessoais à equipe da Fundação do Serviço Social, que ontem continuou cadastrando os interessados em deixar de imediato a invasão da 110 Norte, seja para outro local do DF, seja para suas cidades de origem. Há um ano e meio em Brasília e cinco meses na invasão, ocupando um barraco construído por seu marido ao preço de Cz\$ 3 mil, ela foi a única que deixou a invasão até o meio-dia de ontem. Vai voltar a Campina Grande, onde o marido já está há um mês, mas chorou por ter que deixar duas filhas em Brasília.

Sem poder falar, Elisa observou uma amiga relatar seu drama. As filhas trabalham como domésticas no Plano e por causa dos estudos terão que ficar, pelo menos, até o fim do ano. Elisa vai se reencontrar com o marido, um frentista que já arranjou emprego na terra de origem. Aqui, segundo contou

anteriormente, a vida caminhava bem: "Eu trabalhava para fora e meu marido num posto. Só que ele perdeu o emprego e decidi voltar. Estou sozinha há um mês e com a boataria da remoção da invasão achei melhor voltar pra minha terra. Lá a vida é mais cara, mas vou ter a ajuda da família". Elisa ganhou as passagens, mas só vai retornar daqui a um mês, "pois uma das minhas patroas — ela trabalha como diarista — pediu que eu ficasse um pouco mais até arranjar outra." Neste interim, Elisa irá morar num bloco da 308 Norte.

VIOLENCIA

Enquanto isso, em seu barraco, a vice-presidente da Associação dos Moradores da 110 Norte, Maria da Cruz, reafirmava a intenção dos moradores de negar a transferência para Brasília. Segundo ela, "os moradores gostariam que o Governo estudasse as nossas propostas, que são:

Candangolândia, Sobradinho, Samambaia e Agrovila. Em Brasília tudo é mata. Não há condição de se morar lá. Além disso, vamos gastar tudo o que ganhamos em transporte até o Plano Piloto".

Sobre a afirmação do secretário de Viação e Obras, Carlos Magalhães, prevendo que a remoção será feita de qualquer maneira já nos próximos dias, Maria afirmou "que nesta hipóteses nós vamos esperar. Se eles vierem com violência, vamos sair, mas teremos que montar o barraco em outro lugar". Para ela, o ideal "seria a gente conversar direitinho com o Governo. Isso ainda não aconteceu. Todo mundo vem aqui e entra falando ai no meio da invasão, mas conversar sério ninguém quer. Nós precisamos é de um teto para morar. Não adianta dizer que a LBA vai fornecer alimento. Nós temos força e coragem para trabalhar. Precisamos só de um espaço para morar".